

## POR QUE AS NOTÍCIAS DE MITO E LENDA SÃO COMO SÃO?<sup>1</sup>

### GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Andriolli de Brites da Costa<sup>2</sup>

#### Resumo

Este trabalho parte de uma dissertação de mestrado sobre a cobertura do imaginário folclórico pelo jornalismo no Paraguai para discutir, afinal, por que as notícias de mito e lenda são como são. Tendo como base os trabalhos de Schudson, Traquina e Jorge Pedro Sousa, o artigo trata de como, ainda que compartilhando valores transnacionais, o jornalismo de cada país constroem relações diferenciadas com objetividade e subjetividade, e com as próprias trocas silenciosas com os modos de sentir, pensar e agir da cultura local. O objetivo da pesquisa é o de problematizar a cobertura de elementos folclóricos e a sua aceitação pelo jornalismo como componentes importantes da realidade social de uma comunidade. Esta questão se insere no debate do modelo ocidental de jornalismo que, fundamentado em uma lógica positivista e empirista, tenderia a marginalização em suas páginas do sensível, do imaginário, do fantástico e de tudo aquilo que pareça fugir das noções tradicionais de objetividade e factualidade.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Notícia; Imaginário; Folclore; Paraguai.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação, do XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC 2014.

<sup>2</sup> Mestre em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Brasil. Contato: andriolli\_costa@hotmail.com

## Introdução

Este trabalho é resultado de uma dissertação de mestrado defendida em 2013 no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, intitulada *A lenda nas páginas do jornal – a presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai*. A pesquisa concentrou-se em demonstrar os motivos pelos quais o imaginário dos tesouros ocultos encontrava um espaço naturalizado na imprensa do país vizinho, sem espetacularização, ironia, deboche ou busca de explicações científicas.

O fato chama atenção, visto que o jornalismo ocidental, desde o final do século XIX, é tido como lugar da racionalidade, da linguagem objetiva e referencial, e não da imaginação. Não ofereceria, portanto, o espaço adequado para que o lendário se manifestasse. Luiz Gonzaga Motta, considerando a cobertura de matérias que incorporam elementos fantásticos, já apontava que “na sua atitude de vigilantes da objetividade os jornalistas evitam o inefável. Quando cedem, é para ironizar e debochar dos disparates da realidade, desqualificando qualquer transcendência” (Motta, 2006, p. 9). De acordo com ele, mitos e lendas encontram espaço no “sisudo jornalismo tradicional” tendo o insólito como valor-notícia (Motta, 2006, p. 10). Assim, matérias que abordem o universo lendário recebem tratamentos dirigidos ao entretenimento, em uma cobertura voltada para o exótico, chamando atenção para o curioso, ao estilo *fait-divers*. Por vezes até mesmo “esvaziando os fenômenos de suas significações epifânicas, debochando das credices populares” (Motta, 2006, p. 9).

No caso paraguaio a cobertura que os diários fazem sobre os tesouros enterrados (ou *plata yvyguy*), no entanto, não se alinha a nenhum destes movimentos. Primeiramente, ela não se limita à editoria de Cultura, estando pulverizada por

todo o jornal. Assim, a apropriação da lenda sob uma ótica erudita (em um filme, livro, peça de teatro) explicaria a presença do tema nesta editoria, mas não nas demais. Mais do que isso, a divulgação da lenda pela mídia não vai ao encontro de interesses político-econômicos e nem mesmo se torna presente por seu caráter insólito. Ao contrário, com a crença naturalizada por tantas pessoas e a frequência constante das escavações, o lendário acaba ofuscado por fatos geradores da notícia muito mais concretos, como mortes, acidentes ou denúncias de crimes contra o estado.

Considerar a forma diferenciada com que a lenda de *plata yvyguy* encontra seu espaço no jornalismo paraguaio traz em seu bojo também uma pergunta fundamental: se é diferente, o é em relação a que? Tal questionamento se desdobra em outros tantos, igualmente importantes: se há realmente esta diferença, como se configuram as peculiaridades que lhe garantem tal distinção? E seria mesmo algo tão específico assim?

Estas perguntas são impossíveis de serem respondidas lançando os olhos isoladamente para o objeto empírico e exigem uma reflexão mais abrangente sobre a presença do lendário no jornalismo. Desta forma, para começar a compreender as diferenças identificadas no país vizinho e esboçar respostas para os porquês que envolvem a cobertura das matérias sobre a busca por tesouros ocultos no Paraguai, é preciso de início responder à pergunta: “*Por que as notícias de mito e lenda são como são?*”.

### **Porque são como são?**

Autores como Michel Schudson (1988), Nelson Traquina (2004) e Jorge Pedro Sousa (2002) já dedicaram várias obras à busca por uma resposta para esta mesma pergunta, tendo como objeto não o mitológico, mas sim uma compreensão

universal da notícia na atividade jornalística. Desta forma, tendo a obra destes pesquisadores como suporte, propor respostas para tal questionamento com um objeto mais restrito é uma tarefa menos hercúlea, mas também desafiadora. Isto porque os novos observáveis incitam a igualmente novos arranjos e percepções sobre o que vem sendo discutido teoricamente nos estudos de jornalismo.

Explicar porque as notícias de mito e lenda são como são é, ao mesmo tempo, esclarecer porque as matérias identificadas no jornalismo paraguaio fogem a esta norma. Assim, se de maneira geral a cobertura do lendário é marcada pelo sensacionalismo, pelo humor ou por tentativas de explicação científica, o raciocínio precisa ser capaz de ser revertido sem com isso desmentir o que foi apresentado anteriormente. A resposta para a pergunta central deste trabalho, portanto, não pode ser uma só, mas sim a articulação de várias proposições diferentes cujo resultado da equação é a cobertura de mito e lenda pela imprensa ocidental, com suas características universais bem como suas variações. Temos, portanto, que as notícias de mito e lenda são como são:

- A) *Porque se distanciam da visão tradicional de empirismo factual e objetividade que ainda hoje permeiam a prática jornalística, empurrando os enunciados noticiosos para os limites do jornalismo.*
- B) *Porque ainda que compartilhando valores transnacionais, as relações e arranjos da imprensa de cada sociedade com objetividade, subjetividade e factualidade são únicas e particulares.*
- C) *Porque os modos de sentir, pensar e agir de um povo geram modos diferentes de relação com a cultura popular, e quando esta se manifesta de maneira mais intensa acaba por influenciar os valores-notícia.*
- D) *Porque a própria concepção do que é e do que não é notícia não é única, mas construída com base nas ações e interações de diversas forças. Quais sejam:*

ação pessoal, ação social, ação ideológica, ação cultural, ação do meio físico e tecnológico e ação histórica, conforme Jorge Pedro Sousa.

Para fins deste trabalho, vamos nos concentrar apenas nos dois primeiros elementos.

### **Jornalismo e o paradigma da objetividade**

Mitos e lendas folclóricas não encontrariam espaço adequado no jornalismo tradicional, pois não pertenceriam aos domínios da realidade concreta e objetiva, mas sim aos do imaginário mítico-simbólico. Ao das crenças da cultura popular cuja verificação de existência é impossível de ser negada ou confirmada. Ainda que seja alvo de explicação, no entanto, o lendário independe de embasamento científico para existir, pois sobrevive na imaginação, na oralidade, nos valores compartilhados por grupos e sociedades. Por esta explicação, temos que as notícias de mito e lenda são como são, porque se distanciam dos valores de empirismo factual e objetivo que ainda hoje permeiam a prática jornalística.

Não existe uma forma única e definitiva para descrever um mito folclórico, mas sim infinitos relatos e versões possíveis, em que apenas a essência permanece a mesma. Não há capacidade de confirmar aparições, mensurar tamanho, forma, peso ou cor de uma criatura fantástica, assim como não é possível capturá-la em fotografias ou vídeos. Dentro desta perspectiva, frente à incerteza do imaginário, tem-se que o jornalismo apresenta dificuldade em lidar com a *tradição oral*, visto que a imprensa tem necessidade de máquinas de registro e documentação, mas a oralidade fundamenta-se na memória e na espontaneidade.

No entanto, ainda que o jornalismo tradicional não se prove o espaço adequado para o lendário, este ainda se manifesta nele. Para Luiz Gonzaga Motta, mitos e

lendas – representados coletivamente como um dos elementos do “fantástico” – seriam tradicionalmente ignorados pelos jornalistas em suas posições de vigilantes da objetividade. Vez ou outra, no entanto, estas manifestações capturariam a atenção da imprensa por seu caráter insólito e curioso. Seriam, desta forma, alvo de uma cobertura jornalística permeada pelo humor, pelo deboche e pela sátira, desconsiderando e desqualificando suas significações epifânicas (Motta, 2006, p 10).

Seja com uma cobertura carregada de ironia ou com outra que se mostre respeitosa com as manifestações da cultura popular local, a simples presença destes elementos nas páginas de um jornal ou na tela da TV representa, por si só, um desvio no padrão. Uma subversão da perspectiva da objetividade jornalística. Além do que, tanto na imprensa escrita quanto na audiovisual é preciso dar a ver. Assim, a dificuldade de obter imagens para cobrir as narrações em *off* na televisão, ou de fotos para acompanhar a diagramação de uma matéria em um veículo impresso, leva ao abuso da utilização de trechos de obras cinematográficas ou ilustrações, o que muitas vezes reforça seu tom jocoso ou ficcional.

A presença do fantástico (ou de manifestação semelhante) leva os enunciados noticiosos aos limites do jornalismo, leva-os a distanciar-se da objetividade e derrapar para as subjetividades. É nessas fronteiras que o jornalismo parece ceder e abandonar sua racionalidade, submetendo-se à fábula e aos mitos, impregnando-se dos mistérios do inefável e dos absurdos (Motta, 2006, p 10).

Diversos fatores são os responsáveis pela abordagem dada pelo jornalismo para a cobertura do lendário em uma sociedade, dentre os quais, como exposto anteriormente, destaca-se a própria compreensão do *conceito de notícia* e o daquilo que deve ser noticiado. Mesmo que a prática jornalística partilhe valores

comuns, estes elementos serão variáveis decisivas em cada localidade. Isto porque a capacidade de identificar o que é e o que não é relevante e noticiável vai depender das características culturais e das formas como uma sociedade se relaciona com cada fato folclórico<sup>3</sup>. Assim, os modos diferentes de encarar a vida, as formas peculiares de perceber a realidade, tudo isso vai influenciar no resultado final do produto jornalístico.

A cobertura de *plata yvyguy* no Paraguai diferencia-se pela atenção dada ao universo lendário em relação à atitude que se percebe coletivamente no jornalismo ocidental. Podemos comprovar esta afirmação de maneira mais eficiente ao, em lugar de comparar infundáveis exemplos de coberturas envolvendo mitos e lendas em periódicos de diversos locais diferentes, discutir os elementos fundamentais compreendidos na atividade jornalística em países que incorporem o que Jorge Pedro Sousa identifica como o *Modelo Ocidental de Jornalismo*.

De acordo com o autor, este modelo “preconiza que a imprensa deve ser independente do estado e dos poderes, tendo o direito de reportar, comentar, interpretar e criticar as atividades dos agentes de poder, inclusive agentes institucionais, sem repressão ou ameaça de repressão” (Sousa, 2002, p.33). Após longos períodos de monopólio estatal e de repressão violenta à liberdade de imprensa - e de evoluir de um jornalismo partidário para o jornalismo empresarial - este é o formato atualmente vigente na imprensa paraguaia, com o qual compartilha mais valores comuns do que com os demais modelos de jornalismo descritos por Sousa (A saber: *Autoritário, Comunista, Desenvolvimentista e Revolucionário*).

---

<sup>3</sup> Fato folclórico é a denominação dada pelos folcloristas para qualquer manifestação dos modos de sentir, pensar e agir de um povo, que caracterize sua identidade.

No Modelo Ocidental, é inegável a influência de ideais compartilhados pelo jornalismo norte-americano, que se tornaram um modelo a ser seguido especialmente graças à globalização e difusão das agências de notícias, bem como de suas normas de redação e estilo. Liriam Sponholz dá especial destaque à *objetividade*, uma palavra “frequentemente utilizada para denominar tudo o que se deseja do jornalismo” (Sponholz, 2009, p. 9). É a partir da objetividade que viriam a surgir outras noções que também se tornariam “mandamentos do jornalismo norte-americano”, como neutralidade, imparcialidade, distanciamento e facticidade (Sponholz, 2004, p. 146). No entanto, ainda que se mostre um elemento tão relevante, conforme aponta Traquina, “nenhum outro valor no jornalismo como a objetividade tem sido objeto de tanta discussão, crítica e má compreensão” (*apud* Sponholz, 2004, p. 137).

A objetividade, como conceito, apareceria no jornalismo apenas no século XX, após a Primeira Guerra Mundial (Schudson, 1978, p. 156). Ainda assim, o verbete que descreve objetividade na *Encyclopedia of American Journalism* registra: “Práticas e ideias mais tarde associadas com a objetividade no ato de apurar e disseminar informação sugerem que o conceito existia muito antes da palavra” (Vaughn, 2007, p. 368). As noções de objetividade foram se modificando com o passar dos anos, ainda que carregando, de uma maneira ou de outra, heranças do pensamento anterior. De início, ocupava lugar central nessa perspectiva a ideia de que o jornalista deveria capturar a realidade por meio da observação e verificação empírica dos dados, sem permitir a intervenção do sujeito observador – resultado direto do pensamento positivista e empirista que influenciou grandemente as ciências sociais no século XIX.

Começa a ganhar força, então, a separação dicotômica entre objetividade-subjetividade, razão-emoção, ciência-senso comum que ainda hoje influencia a cobertura de mitos e lendas pelo jornalismo.



Traquina acredita que, mesmo com todas as críticas, a objetividade se mostra uma conquista útil, pois traça os métodos para que o jornalista possa seguir. “Forçado pela exigência de rapidez, o jornalista precisa de métodos que possam ser aplicados fácil e rapidamente” (Traquina, 2004, p. 143). Philip Schlesinger, citado por Sousa, também levanta características positivas: “o estilo da informação objetiva e a norma da objetividade aparecem como o cimento que une a empresa jornalística. Profissional, organizacional e pessoalmente, a norma captura melhor o espírito do ofício e os hábitos mentais do jornalista” (Sousa, 2009).

A força desta crença nos fatos não se restringiu ao território americano. Kaplan (2010) expõe que o código profissional de imparcialidade e da factualidade rigorosa, que orienta uma cobertura objetiva, tem sido celebrado como a mais orgulhosa conquista da imprensa nos Estados Unidos, chegando ao ponto mesmo da exportação e incorporação deste modelo pela prática jornalística de diversos outros países – ainda que de maneira descontextualizada. São ideias fora do lugar.

Consciente da padronização que já afetava os veículos de mídia, em 1889, no anuário da imprensa francesa, Edouard Locroy citado por Traquina critica: “Americanizamo-nos todos os dias... A imprensa sofre uma transformação completa. O leitor exige a brevidade acima de tudo... E, sobretudo nada de doutrina! Nada de princípios” (Traquina, 2004, p. 51). No Brasil, Ana Paula Goulart Ribeiro chama a atenção para o fato de que em meados do século passado, a defesa da objetividade e a recusa de vínculos explícitos com a literatura e política faziam parte da luta pela profissionalização do jornalismo em oposição ao amadorismo da atividade. “Reformar os jornais, afiná-los ao padrão norte-americano, ainda que apenas retoricamente, significava inseri-los formalmente na modernidade” (Ribeiro, 2003, p. 158).

Também no Paraguai, a prática jornalística não ficou imune a estas influências. Ainda que relativamente recente, o conceito de objetividade está oficialmente presente na imprensa paraguaia desde 1950, com a publicação do livro *El cuarto poder* de Gerardo Halley Mora. Esta obra introduz no país vizinho os ideais racionalistas que inspiraram o jornalismo ocidental moderno, com um trabalho “centrado em autores estrangeiros, e recolhendo experiências de veículos, principalmente norte-americanos” (Orué Pozzo, 2007, p. 156). Ao mesmo tempo, surgem os primeiros cursos de formação em jornalismo, que passam a valorizar a objetividade no periodismo local.

Uma vez incorporados em outros países, estes valores são apropriados e reconfigurados pelos veículos de imprensa locais, mas ainda exercem influência na prática profissional em maior ou menor escala. Desta forma, para discutir a cobertura do lendário no Paraguai, torna-se necessário realizar primeiramente um breve percurso histórico sobre a constituição destes valores componentes do jornalismo norte-americano, que colaboraram para tornar marginal a presença de mitos e lendas nos veículos de imprensa ocidentais.

Tais ideais começaram a imbricar-se no fazer jornalístico em meados do século XIX nos Estados Unidos, a partir do movimento conhecido como *Peny Press*, que definiu as bases para o jornalismo moderno – sendo muitas vezes reconhecida como o primeiro Novo Jornalismo (Traquina, 2004). Antes dos anos 1830 a objetividade não era uma questão a ser levada em conta (Schudson, 1978, p. 4) e os veículos de imprensa eram instituições partidárias, voltadas para as classes mais abastadas e financiadas por seus assinantes - em sua maioria membros do próprio partido que o jornal representava. Era a chamada *Party Press* (Sousa, 2004, p. 80). Os textos limitavam-se a tratar de relações comerciais e informações

que interessavam apenas a seus nichos específicos de circulação, sendo os editoriais os grandes carros-chefes das publicações (Schudson, 1978, p. 15).

Por sua vez, os jornais que formaram a *Peny Press*, aproveitaram-se das novas tecnologias de impressão que barateavam o custo de produção e introduziram um novo modelo de negócios. Estes não eram mais financiados por partidos ou assinaturas, mas sim pela publicidade, em sua maioria de armazéns ou boticários, e pela venda direta ao leitor por preço reduzido – apenas um centavo, comparado aos seis centavos dos demais periódicos (Traquina, 2004, p. 50). Com o abandono dos vínculos partidários, os jornais passaram a se focar na produção das notícias visando o interesse público. Na *Encyclopedia of Journalism*, o verbete de objetividade afirma ainda que a imprensa popular demonstrou seu comprometimento com o bem público porque sabia que esta seria uma abordagem lucrativa (Powers, 2009, p. 1028). E esclarece: “A objetividade se desenvolveu no jornalismo americano por razões econômicas, mas se tornou uma filosofia de trabalho. Um dos objetivos iniciais da objetividade era servir a criação de um público geral, com diversas posições políticas e orientações sociais” (Powers, 2009, p. 1032).

Desta forma, em busca de nova legitimação, o jornalismo encontrou na aproximação com o discurso das ciências um horizonte de possibilidades e desenvolveu sua linguagem inspirada em “gramáticas comuns” também entre as metodologias de pesquisa do conhecimento científico (Medina, 2008, p. 18). Isto porque o real como objeto de conhecimento frequenta a oficina das ciências assim como frequenta a oficina jornalística (Medina, 2008 p. 19), pois tanto cientista quanto repórter “trabalham com a mediação da realidade, alcançada por meio da apuração e da investigação dos fenômenos” (Sponholz, 2009, p. 20). Para Traquina, por sua vez, era a caça hábil dos fatos que dava ao repórter a categoria comparável à do cientista, do explorador e do historiador (Traquina, 2004, p. 53).

Schudson relembra que, ainda no final do século XIX, "muitos jornalistas eram ou treinados em disciplinas científicas ou compartilhavam uma admiração comum pela ciência" (Schudson, 1978, p. 72). Inspirada pelo modelo científico, a objetividade estaria "inserida em um empirismo ingênuo, marca registrada deste contexto cultural e que pressupõe que todo conhecimento vem da observação direta da realidade" (Sponholz, 2004, p. 146).

Os jornalistas abraçaram a objetividade, mas, segundo alguns autores, de maneira distorcida. Keating afirma que tanto jornalistas quanto acadêmicos clamavam por objetividade, mas não eram os repórteres ou pesquisadores que deveriam exercer um distanciamento científico, mas sim o seu método (Keating, 1991, p. 305). Schudson sugere que a objetividade não foi criada para negar a subjetividade, mas sim em uma compreensão de que é impossível recusá-la (Schudson, 1978). No entanto, com o passar dos anos, esta concepção foi sendo desviada. O desenrolar da I Guerra Mundial, marcado por uma série de manobras propagandísticas; o surgimento da profissão de Relações Públicas e a falta de crença na democracia e no progresso econômico levaram a uma situação de dúvida crescente, em que nem mesmo os fatos eram dignos de confiança. No entanto, diante de tal situação, a objetividade - que havia surgido como um processo de verificação - desvirtuou-se e tornou-se reconhecida como a "fé nos fatos" (Sousa, 2002, p. 77).

E. Barbara Phillips recorda que durante muitos anos uma série de convenções ou cânones de objetividade tem servido como esquema protetor da imprensa. "Estes, baseados em vagas noções de equilíbrio, justiça, exatidão e neutralidade na escolha e edição das notícias atuavam como salvaguardas da autoridade legítima do jornalista" (Phillips, 1976, p. 63). Da mesma forma, Gaye Tuchman defende que a objetividade tornou-se um ritual estratégico do jornalista, que a partir dela assegura credibilidade como parte não interessada e defende-se de acusações de

parcialidade, críticas ou mesmo de acusações judiciais. “Atacados devido a uma controversa apresentação de ‘fatos’, os jornalistas invocam a sua objetividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos” (Tuchman, 1972, p 75).

A aproximação com a razão científica trouxe uma série de novas posturas para o jornalismo, e mesmo pesquisadores que se posicionam de maneira crítica quanto a ela, como é o caso de Cremilda Medina, são incapazes de negar. A autora, no entanto, também apresenta uma série de desdobramentos que, a seu ver, se desenrolaram de maneira negativa. O discurso jornalístico, por exemplo, passou a fundar-se em um empirismo factual, inspirado na máxima de que era preciso se ater apenas aos fatos. A objetividade surge como ideal a ser perseguido, de modo a buscar maior correspondência na representação de uma realidade igualmente objetiva. “As técnicas jornalísticas, fixadas sob a égide do paradigma positivo-funcionalista, tendem a se estratificar em uma mentalidade reducionista”, conclui Medina (1991, p. 195).

De acordo com a autora, ainda hoje tais posicionamentos oriundos do universo das ciências naturais são poderosamente operantes no jornalismo e sua herança pode ser percebida com facilidade: “a aposta na objetividade da informação, seu realismo positivo, a afirmação de dados concretos de determinado fenômeno, a precisão da linguagem” (Medina, 2008, p. 25).

### **Mito e imaginário**

Neste contexto, a própria noção de real – concreto e palpável - era colocada em oposição ao quimérico, afastando e relegando a um segundo plano as manifestações do sensível, do emocional, do simbólico e do imaginário. Com a ascensão da ciência como forma exclusiva de percepção do real, todos os outros

conhecimentos não-sistemáticos, como o senso comum e os saberes populares, teriam sido deixados de lado, tornados inválidos pela lógica das ciências naturais como conhecimentos superficiais e ilusórios (Santos, 1989, p. 36). Para Lévi-Strauss o fosso que separou a ciência do que o autor chama de *pensamento mitológico* deu-se com a física moderna, de Newton, Bacon e Descartes. Os novos pensadores das ciências colocavam em cheque até mesmo a realidade do cotidiano. Assim, para eles, “o mundo real seria um mundo de propriedades matemáticas, que só podem ser descobertas pelo intelecto” (Levi-Strauss, 1978, p. 12).

Na esteira deste pensamento, como aponta Gislene Silva, o imaginário costuma ser visto como oposição ao real, “enclausurado no universo das culturas arcaicas e no mundo das artes” (Silva, G. 2010, p. 246). Em verdade, o imaginário permeia todas as ações, criações e interpretações humanas, imerso em camadas da mente que remetem as formas mais antigas de simbolização. Como afirma Benetti, o imaginário não é o oposto nem subjuntivo da realidade. Há, segundo a autora, uma relação indissociável entre imaginário, simbólico e real (Benetti, 2009, p. 287).

Mesmo com todo esse raciocínio metodológico, é simplesmente impossível excluir o sujeito da compreensão de um objeto em qualquer área. Ainda que imaginando um jornal que fosse capaz de aplicar todo o distanciamento idealizado na cobertura e produção da notícia, ele ainda seria permeado por emoções, por sentimentos e por elementos compartilhados no imaginário coletivo de todos os envolvidos em sua produção. Mais do que isso, “ao narrar fatos, ao ouvir especialistas que oferecem explicações, ao exibir imagens de todo tipo, o jornalismo ordena parte do caos da vida e trata do imaginário - ainda que não o pretendesse, centrado que está na singularidade dos eventos” (Benetti, 2009, p. 287).

Confrontado com situações de crise ou com reportagens do tipo *what-a-story* que exigem respostas e atitudes imediatas, o jornalista, qual contador de histórias, recorrerá às grandes narrativas universais para estruturar a notícia e enquadrar o acontecimento em um relato que esteja em conformidade com as expectativas da sociedade (Coman, 2005).

Shoemaker e Reese destacam a necessidade do jornalista de não simplesmente reportar, mas de contar histórias. E para isso, a imprensa tenderia a se apropriar de estruturas inspiradas em mitos, parábolas, lendas e histórias orais mais conhecidas em uma sociedade (Shoemaker & Reese, 1996, p. 109). A abordagem que Tuchman dá para as notícias vai ao encontro deste pensamento, visto que a autora as classifica junto a outras histórias e narrativas universais, e assume que estas são produto de recursos culturais e negociações ativas entre produtores e receptores do elemento noticioso. O paralelo dos contos de fada com as notícias também é evidenciado:

Ambos possuem um caráter público em que ambos estão disponíveis para todos, como parte e parcela de nosso equipamento cultural. Ambos retiram da cultura sua derivação. Contos de fada asiáticos são necessariamente diferentes da variedade ocidental, assim como os jornais americanos são inextricavelmente diferentes de jornais murais da China contemporânea. Ambos tomam recursos sociais e culturais e os transformam em propriedade pública (Tuchman, 1978, p. 5).

Keren Tenemboim-Weinblat elucida uma tensão fundamental entre as noções de mito e jornalismo: O primeiro exige que as histórias sejam contadas e recontadas,

já o segundo sempre busca o novo, o acontecimento inesperado, a fuga da normalidade (Tenemboim-Weinblat, 2009, p. 955). Jack Lule, por sua vez, identificou em seu livro *Daily News, Eternal Stories*, sete arquétipos compartilhados que frequentemente se repetiam na cobertura jornalística ao longo das décadas – entre eles o da figura do *Herói*, em matérias sobre esportes ou de ações individuais; do *Outro Mundo*, para matérias sobre países e realidades distantes e do *Dilúvio* para desastres naturais<sup>4</sup>. Conclui desta forma, que as notícias, assim como os mitos, “não nos contam o que aconteceu hoje, mas o que tem acontecido sempre” (Lule, 2001, p. 20).

Na mesma linha de raciocínio, Elizabeth Bird e Robert Dardenne afirmam que através do mito e do folclore os membros de uma cultura apreendem novos valores, definições do bem e do mal e emoções substitutivas. Isso não ocorre através de um único conto, mas sim de um conjunto de tradições e crenças populares que compartilham aquelas narrativas. Desta forma, considerando não uma notícia isolada, mas sim a sua coletividade, os autores defendem que, “enquanto processos de comunicação, as notícias podem atuar como o mito ou o folclore” (Bird & Dardenne, 1993, p. 4), operando em uma matriz comunal em relação ao repertório do público leitor (Bird & Dardenne, 1993, p 274). Afinal, na relação imaginário e jornalismo, expõe Gislene Silva, “interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva” (Silva, G. 2010, p. 245).

A interface entre mito e jornalismo também foi apontada por Adriano Duarte Rodrigues (1988), que descreve como a narrativa jornalística exerceria para o homem moderno papel semelhante à narrativa mitológica, pois, à semelhança do mito, “os discursos midiáticos organizariam racionalmente a experiência do

---

<sup>4</sup> Os demais arquétipos apontados por Lule são a *Vítima*, o *Bode Expiatório*, a *Boa Mãe* e o *Trapaceiro*.



aleatório, integrariam representações fragmentadas da realidade num discurso organizado e ofereceriam um quadro explicativo do mundo” (*apud* Sousa, 2002).

O jornalismo recorreria ao repertório cultural comum de uma sociedade, e seria o espaço da “expressão clara ou obscura, latente ou facilmente visível” do imaginário social de todos os sujeitos envolvidos no universo noticioso, de repórteres e editores aos leitores e receptores (Silva, G. 2010, p. 249). O imaginário é, pois, cimento social que une os que comungam de uma mesma cultura e torna-se indissociável de uma sociedade e de seus produtos culturais, entre os quais o próprio jornalismo. Este, além de ser incapaz de renunciar verdadeiramente ao imaginário, torna-se também importante para a sua disseminação.

Se o imaginário tudo perpassa, a imprensa é locus fecundo de observação desses vestígios imaginais, uma vez que as notícias trazem para a vida cotidiana toda a diversidade do mundo, da política e economia à arte e entretenimento, incluindo as próprias ocorrências ordinárias, do dia a dia (Silva, G. 2010, p. 249-250).

### **Considerações finais**

Todas essas reflexões são importantes, pois ampliam a percepção tradicional do jornalismo e abrem frestas na perspectiva cientificista para a discussão da presença de muito mais do que a justaposição e o ordenamento de fatos nas páginas do jornal. Mostram que há elementos do sensível e do inefável que vão permear a prática jornalística independentemente do quão objetivo se pretenda ser. No entanto, ainda que discutindo mito e imaginário, estes estudos não abordam especificamente o mito diante da perspectiva folclórica. Identificam as

manifestações do imaginário que permeiam a feitura do jornal, mas não compreendem exatamente a cobertura de um ataque de lobisomem, de uma caçada ao caboclo d'água ou da própria busca por *plata yvyguy*.

A notícia, expõe Sousa, é um artefato que, mesmo involuntariamente, se apoia e faz uso de padrões culturais pré-existentes para ser realizado e para produzir sentido (Sousa, 2002, p. 38). Assim, conclui o autor, “o processo de fabrico e a construção das notícias sofre uma ação informadora por parte do sistema sociocultural em que se insere” (Sousa, 2002, p. 79). Da mesma forma, Karl Manoff, citado pelo pesquisador, faz notar que, frente a um acontecimento novo, a escolha dos modos que o jornalista encontra para realizar o seu enquadramento depende do “catálogo de frames disponíveis” em um determinado momento sócio-histórico-cultural.

Por este ponto de vista, pode-se inferir que uma sociedade que, em determinado contexto histórico, encare a cultura popular com desdém em favor da modernidade, ou que eleja a lógica científica como a única verdadeira em razão da sabedoria tradicional, tende a espelhar uma imprensa cuja cobertura jornalística siga os mesmos preceitos. Por outro lado, em uma sociedade onde o lendário esteja integrado de maneira indissociável aos modos de sentir, pensar e agir da cultura local, o jornalismo pode apresentar maior facilidade de lidar com as manifestações do imaginário popular.

Ainda diante de uma perspectiva do contextual, Luiz Gonzaga Motta apresenta uma definição de notícia que a apresenta como um relato sobre as coisas que ocorrem no mundo – mas não qualquer relato.

Ela tem uma especificidade, opera com a exceção, a inversão: a continuidade dos fatos não seduz a notícia, ela

só se interessa pela ruptura ou transgressão da normalidade. Se não há exceção, não há notícia. Por isso mesmo, o jornalismo flerta com o absurdo, com o inverossímil e o aberrante, especialmente o jornalismo popular. Mas, não apenas o jornalismo popular, o jornalismo de referência costuma também ser atraído pelo inusitado, pelo estranho, pelo misterioso (Motta, 2006, p 10).

A notícia seria, então, o relato da ruptura da ordem, do aberrante, da variação. No entanto, como seria possível identificar a inversão sem um referencial cultural para servir de padrão? Miquel Rodrigo Alsina, ao estabelecer elementos principais de um acontecimento jornalístico, expõe que este suporia a ruptura espetacular das normas. No entanto, a manutenção da variação levaria a perda da novidade e à normalização do fato, trazendo como consequência a cessação do entendimento da ocorrência como um acontecimento (Rodrigo Alsina, 1993). Mitos e lendas por vezes aparecem na cobertura jornalística devido ao seu caráter pitoresco, por ser a fuga da normalidade. *Mas e quando o lendário é compreendido com naturalidade?* E quando os modos de sentir, pensar e agir de uma sociedade fazem com que sua relação com a cultura popular manifeste-se de maneira muito mais evidente?

Em sua obra *O que é cultura?* José Luiz dos Santos defende que é preciso relacionar os processos culturais com os contextos em que são produzidos. Cada realidade cultural teria, desta forma, sua lógica interna, “a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam” (Santos, 1993, p. 8). Manifestações oriundas das tradições populares, como o próprio lendário, mas também festas, jogos e costumes, não dizem nada por si mesmos. “Eles apenas o dizem



enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade” (Santos, 1993, p. 47). Tem-se, portanto, que as notícias de mito e lenda são como são devido ao contexto em que são produzidas, e tal contexto permite todo o tipo de cobertura jornalística.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Benetti, M. (2009). Jornalismo e imaginário: o lugar do universal. In Kunsch, D. (Eds.), *Esfera pública, redes e jornalismo*. (pp 286-298). São Paulo: E-papers.
- Bird, S.E. & Dardenne, R.W. (1993). Mito, registro e “estórias”: Explorando as qualidades narrativas das notícias. In TRAQUINA, N. *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa: Vega.
- Coman, M. (2005). Cultural anthropology and mass media: a processual approach. In Rothenbuhler, E., & Coman, M. (Eds.). *Media anthropology* (pp. 46-55). Thousand Oaks: Sage.
- Kaplan, R. (2010). The origins of objectivity in American journalism. In ALLAN, S. (Eds.) *The Routledge Companion to News and Journalism* (pp. 25-37). New York: Routledge
- Keating, P. (1991). *The Haunted Study: A Social History of the English Novel 1875–1914*. London: Fontana Press.
- Levi-Strauss, C. (1978). *Mito e significado*. Lisboa: Edições 70.
- Lule, J. (2001). *Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism*. New York: Guilford Press.
- Medina, C. (1991) *Novo pacto da ciência - A crise dos paradigmas, 1º Seminário transdisciplinar - Anais*. São Paulo: ECA/USP.

- Medina, C. (2008). *Ciência e jornalismo – Da herança positivista ao diálogo dos afetos*. São Paulo: Summus.
- Motta, L.G. (2006). *Notícias do fantástico: Jogos de linguagem na comunicação jornalística*. São Leopoldo: Unisinos.
- Orué Pozzo, A. (2007). *Periodismo en Paraguay: Estudios e interpretaciones*. Asunción: Arandurã.
- Phillips, E.B. (Dez. 1976). Novelty without change. In: *Journal of Communication*, 26 (4), 87-92
- Powers, M.J. (2009). Objectivity. in: STERLING, C.H. (Eds). *Encyclopedia of Journalism*. Thousand Oaks: SAGE Publications.
- Ribeiro, A.P.G. (2003). Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. In *Estudos Históricos*, (31) 147-160. Rio de Janeiro.
- Rodrigo Alsina, M. (1993). *La construcción de la noticia*. Barcelona: Paidós.
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.
- Santos, J. L. (1993). *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the news: A social history of American newspapers*, New York: Basic Books.
- Schudson, M. (1988). Porque é que as notícias são como são. In: *Comunicação e Linguagens*, 8, 17-27. Lisboa.

- Shoemaker, P. & Reese, S. (1996). *Mediating the Message: Theories of Influences on Mass Media Content*. New York: Longman
- Silva, G. (2010). Imaginário coletivo: Estudos do sensível na teoria do jornalismo. In *Revista Famecos*, 17 (3), 244-252. Porto Alegre, RS.
- Sousa, J. P. (2002) *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos.
- Sousa, J. P. (2004). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia*. Florianópolis: Letras Contemporâneas
- Sponholz, L (2004). As ideias e seus lugares - Objetividade em jornalismo no Brasil e na Alemanha. In *Comunicação & Política*, XI, 144-165. Rio de Janeiro.
- Sponholz, L (2009). *Jornalismo, Conhecimento e Objetividade: Além do Espelho e das Construções*. Florianópolis: Insular.
- Tenenboim-Weiblat, K. (2009). News and Myth. In STERLING, C.H. (eds). *Encyclopedia of Journalism*. Thousand Oaks, California: SAGE Publication.
- Traquina, N. (2004). *Teorias do jornalismo, 1*. Florianópolis: Insular.
- Tuchman, G. (1978) *Making news: a study in the construction of reality*. New York: The Free Press.
- Vaughn, S.L. (2007). *Encyclopedia of American Journalism* (orgs). New York: Routledge.